

O USO DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E OS DILEMAS ÉTICOS NA PSICOLOGIA

João Carlos Rodrigues da Silva

O uso da Inteligência Artificial (IA) na Psicologia vem crescendo substancialmente, possibilitando inovações no tratamento e diagnóstico de transtornos mentais, na análise de grandes volumes de dados clínicos e no desenvolvimento de terapias digitais, porém a utilização de IA nessa área também levanta dilemas éticos significativos. A preocupação com a privacidade, a confiabilidade dos algoritmos e o impacto sobre a relação terapêutica são alguns dos aspectos desafiadores. A reflexão ética sobre esses tópicos é crucial, visto que a Psicologia lida com aspectos sensíveis e profundos da experiência humana. Autores como Liao (2020) e Danaher (2019) discutem as implicações éticas da IA em diversas esferas, incluindo a Psicologia. A questão ética é acentuada pela perspectiva utilitarista de filósofos como Bentham e Stuart Mill, que oferecem um referencial importante para avaliar os impactos positivos e negativos da IA. Nesse contexto, este estudo tem como objetivo explorar os dilemas éticos do uso de IA na Psicologia, abordando especificamente: a preservação da privacidade dos pacientes em sistemas de IA; a confiabilidade dos algoritmos no diagnóstico e tratamento de transtornos mentais; e o impacto da IA na relação terapeuta-paciente e nas implicações éticas que surgem dessa interação. Além disso, o estudo examina como o utilitarismo pode ajudar a avaliar os riscos e benefícios do uso da IA na Psicologia, considerando os princípios de Bentham e Mill. A metodologia adotada consiste em uma revisão bibliográfica, focando na análise de textos e pesquisas que discutem os dilemas éticos da IA e sua aplicação na Psicologia. As obras de Liao e Danaher são utilizadas como bases para a compreensão dos principais dilemas éticos em IA. A teoria utilitarista de Bentham e Stuart Mill, por seu turno, serve como um referencial filosófico para analisar os possíveis impactos e consequências do uso de IA em contextos terapêuticos. A análise revelou que o uso da IA na Psicologia apresenta benefícios consideráveis, mas também envolve riscos éticos substanciais. Os principais achados podem ser divididos em três categorias: primeira, privacidade e confidencialidade: a privacidade é um dos maiores desafios no uso da IA, pois algoritmos de IA geralmente requerem grandes quantidades de dados, o que implica riscos de violação de confidencialidade e, embora com regulamentações como a Lei nº 13.709, de 14/10/2018, Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD), sua implementação e fiscalização apresentam dificuldades. Como Liao aponta, o respeito pela privacidade deve ser uma prioridade, pois a confiança é um componente

fundamental, principalmente na relação terapêutica. Segunda categoria, a confiabilidade dos algoritmos e diagnóstico: a precisão dos algoritmos é fundamental para evitar diagnósticos errôneos e tratamentos inadequados. O problema da “caixa-preta” dos algoritmos, que refere-se à opacidade dos processos internos da IA, representa um desafio para os psicólogos e profissionais de saúde mental que desejam compreender o funcionamento dessas tecnologias. Danaher (2019) destaca que uma confiança cega nos algoritmos pode resultar em uma “crise de paciência moral”, que ocorre quando a autonomia e o julgamento humanos são substituídos pela dependência das decisões de máquinas. Terceira, o impacto na relação terapêutica: a interação humana entre terapeuta e paciente é um dos aspectos mais significativos da Psicologia. A IA, por mais avançada que seja, ainda não consegue replicar completamente essa dimensão empática. Isso levanta questões sobre a adequação do uso de IA em situações em que a empatia e a compreensão emocional são cruciais para o tratamento. Segundo Danaher (2019), a presença de IA nas interações terapêuticas pode reduzir o valor moral e humano dessa relação, minando a autenticidade e gerando sentimentos de alienação. Aprofundando a discussão, é válido salientar que a teoria utilitarista oferece um referencial importante para entender o impacto do uso de IA na Psicologia. Bentham e Stuart Mill são filósofos que, em síntese, defendem que as ações devem ser avaliadas com base em seus resultados, priorizando o bem-estar coletivo. No contexto da IA, isso requer considerar se os benefícios da tecnologia, como o acesso ampliado a tratamentos e diagnósticos mais rápidos, superam os riscos éticos. Contudo, o utilitarismo também nos leva a refletir sobre as consequências de longo prazo, incluindo o potencial desumanizante de substituir o terapeuta humano por uma máquina. Liao (2020) sugere uma abordagem de precaução, recomendando que as tecnologias de IA sejam usadas na Psicologia apenas quando os benefícios superarem significativamente os riscos éticos. Esse posicionamento é alinhado com a teoria utilitarista, na medida em que visa maximizar o bem-estar, mas também reflete uma visão mais cautelosa, consciente das limitações atuais da IA. Por fim, pode concluir que o uso da IA na Psicologia oferece grandes promessas, mas também apresenta dilemas éticos complexos, uma vez que a privacidade dos pacientes, a confiabilidade dos diagnósticos e o impacto na relação terapêutica são aspectos fundamentais que devem ser considerados. A perspectiva utilitarista de Bentham e Mill, por sua vez, ajuda a balancear os benefícios e riscos, enquanto a abordagem de precaução proposta por Liao sugere que o uso de IA deve ser cuidadoso e com regulamentações rígidas para proteger os pacientes e preservar a essência da prática psicológica. Os debates apresentados por Liao e Danaher são, enfim, essenciais para o desenvolvimento ético da IA na Psicologia. Eles ressaltam a necessidade de uma reflexão contínua sobre os limites da tecnologia, garantindo que a IA seja uma ferramenta

que complementa, e não substitui, o trabalho do psicólogo. Essa perspectiva ética é essencial para garantir que a IA, ao ser integrada na Psicologia, seja utilizada de maneira responsável e respeitosa em relação aos princípios dos direitos humanos e ao bem-estar dos pacientes.

Referências

BENTHAM, J. **Uma Introdução aos princípios da moral e da legislação**. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

DANAHER, J. The rise of the robots and the crisis of moral patience. **Cambridge Quarterly of Healthcare Ethics**, 28(2), 2019, p. 221-231.

LIAO, S. M. The moral status and rights of artificial intelligence. In: LIAO, S. M. (Ed.). **Ethics of Artificial Intelligence**. New York: Oxford University Press, 2020, p. 480-504.

MILL, J. S. **O utilitarismo**. Trad. Alexandre Braga Massela. São Paulo: Iluminuras, 2020.